



## Interações, leituras e sentidos em tempos de *fake news*: desafios para a formação de leitores no contexto escolar

Luiza Helena Oliveira da Silva\*

**Resumo:** O trabalho discorre a respeito da produção e do consumo de notícias falsas intensificados pelo fenômeno contemporâneo do uso de redes sociais, que ampliam as fontes de informação e ao mesmo tempo comprometem a fidedignidade do que se enuncia como fato. A partir disso, são apresentadas reflexões acerca de implicações no campo da formação de leitores no contexto escolar. Em tempos de *pós-verdade*, a escola se vê diante do ensino de novas práticas de leitura, que incluem a formação de leitores críticos, capazes de ler o texto e seus entornos. Nessa direção, mobiliza-se a Semiótica Discursiva como teoria que tem muito a oferecer para as práticas didáticas, considerando a ampliação do horizonte de níveis de pertinência de análise que favorecem a compreensão dos processos implicados.

**Palavras-chave:** *fake news*; formação de leitores; BNCC; Semiótica discursiva.

## Introdução

*Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar  
Por causa disso, minha gente lá de casa, começou a rezar  
E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada  
Por causa disso nessa noite lá no morro, não se fez batucada  
Acreditei nessa conversa mole  
Pensei que o mundo ia se acabar  
E fui tratando de me despedir  
E sem demora fui tratando de aproveitar  
Beije a boca de quem não devia  
Peguei na mão de quem não conhecia  
Dancei um samba em traje de maiô  
E o tal do mundo não se acabou*

(Assis Valente, "E o mundo não se acabou")

Minha avó contava que num dado momento, nas primeiras décadas do século XX, anunciou-se que era chegado o fim do mundo. Nos textos bíblicos, a menção ao fim dos tempos se apresenta como narrativa inscrita na ordem do acontecimento, haja vista seu *modo de existência* inesperado, a ruptura drástica com uma certa regularidade do cotidiano, o andamento da extrema celeridade que aturde o sujeito, pego de surpresa, “sua instantaneidade e sua detonação” (Zilberberg, 2011, p. 169). Se é possível saber que o fim do mundo virá, pelo anúncio de muitos profetas que prescrevem aos fiéis o comportamento *pio* para o momento que o antecede, nessa “espera do inesperado” (Greimas, 2002) ninguém poderia antecipar propriamente quando isso se daria, conforme escreve Marcos (13: 31-32): “Quanto, porém, ao dia e à hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão o Pai. Olhai! Vigiai! Porque não sabeis quando chegará o tempo”.

A despeito dos textos bíblicos que afirmam que o fim dos tempos virá *como um raio*, sem profeta que precise o instante de seu acontecimento, os personagens da narrativa de minha avó acreditaram em seu anúncio, já antecipando a danação. Contava ela que, por obra de um boato que alcançou grandes proporções, muitos se desfizeram de seus bens, venderam seus animais, entregaram-se ao que seriam os últimos prazeres, mas, no final, o boato bem-sucedido em sua capacidade de reverberação não se fez verdade e, como na canção de Assis Valente, “o mundo não se acabou”.

Como notícia de que não se sabe a fonte precisa, com um enunciador não identificável na sintaxe da frase que se vale do sujeito indefinido (“anunciaram e garantiram”), temos menção ao que seria efeito de uma notícia falsa e que parece ter provocado alguns estragos. O narrador de Assis Valente declara ter acreditado na “conversa mole” e, desse modo, podemos pensar, como semioticistas, ao menos em algumas questões que interessam a quem investiga o sentido.

A primeira diz respeito à antiguidade das práticas da enunciação de falsas notícias, que “no século XX, causaram os piores desastres, sendo, dois deles, autênticas falhas na história da Humanidade: o nazismo e o estalinismo” (Zarzalejos, 2017, p. 12). A discussão reassume destaque no cenário político atual a partir de estratégias midiáticas que teriam influenciado a decisão do Reino Unido de abandonar a União Europeia, em resolução conhecida pelo neologismo *Brexit* (2016), a vitória de Trump para a presidência dos EUA (2016) e a de Bolsonaro no Brasil (2018). Ainda em 2016, o *Dicionário Oxford* definiu o termo *pós-verdade* como “palavra do ano”: “adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais” (Genesini, 2018, p. 47). Nesse sentido, se podemos considerar que as práticas de falsear a realidade remetem a marcos históricos da Humanidade, não podemos ignorar as particularidades que cercam sua produção e consumo, muito menos seus efeitos no cenário atual, tendo em vista sua viralidade amplificada no âmbito das redes sociais. É o que vai justificar sua presença como conteúdo disciplinar de Língua Portuguesa em documento que norteia a Educação Básica no país, a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC (Brasil, 2017; 2018). O texto acolhe o neologismo tomado de empréstimo do inglês – *fake news*.

Apontamos como uma segunda questão propriamente as características textuais que revelariam regularidades que perfazem a sintaxe e a semântica de uma notícia falsa. No caso da composição de Valente, a indefinição quanto ao enunciador fonte (*anunciaram e garantiram*) pode dar pistas do funcionamento do boato, mas nem toda falsa notícia se arquiteta de maneira elementar e o estatuto

de verdade/falsidade não pode ser devidamente atribuído tão somente pela análise do arranjo textual.

Uma terceira diria respeito ao contexto das práticas sociais que contribuem para que a narrativa se propague, a despeito de poder ser compreendida desde o início como uma *conversa mole*. Entram em cena como elementos catalisadores as preferências e posições pessoais de um sujeito que se deixa guiar mais pela ordem dos afetos que da razão.

Neste trabalho, esboçamos reflexões sobre as *fake news*, levando em conta, sobretudo, suas implicações no âmbito de uma Semiótica didática (Greimas, 1979; Landowski, 2016) não compreendida aqui como uma didatização da teoria, mas como seu emprego como ferramenta teórica capaz de trazer luzes para problemas da significação e contribuir para o tratamento dado a textos/práticas nas leituras realizadas em contexto escolar. Buscamos tratar das questões anteriormente esboçadas tomando como *corpus* para análise textos que se traduzem como *fake* e referências da BNCC que definem uma orientação didática para seu tratamento na escola. Do ponto de vista da Semiótica, subsidiam nosso artigo as reflexões de Fontanille (2013), para quem os textos da mídia levantam problemas específicos para sua compreensão, mobilizando a hierarquia dos planos de imanência.

## 1 Vivendo no admirável mundo novo

Partimos do pressuposto de que um trabalho que busque analisar *fake news* no contexto atual deve ir além da dimensão estritamente textual, convocando necessariamente outros planos de imanência na análise semiótica, como os das práticas, das estratégias e das formas de vida. É preciso compreender o processo em que operam e de que modo se obscurecem as operações de verificação e os contratos de interação e leitura, assentados em regimes de crença.

Como acentua Fontanille (2013), para cada gênero há um regime de crença proposto que corresponde a uma prática de interpretação, a uma disposição interior do leitor/espectador/ouvinte diante do texto ao qual se disponibiliza para produzir sentido. Essa disposição do sujeito na leitura variará, então, quando se trata de um romance de ficção ou de testemunho, quando o interlocutor se encontra diante de um documentário ou de uma telenovela, de uma notícia ou de uma piada. Na relação entre instância da produção e recepção está pressuposta uma espécie de acordo, regulado por valores compartilhados, validados por uma rede de garantias institucionais e sociais. Ocorre, contudo, que, nas chamadas mídias mundializadas e suas práticas de hibridização, essa relação contratual parece fragilizada, produzindo uma confusão de regimes de crença que concorrem para que o intérprete se fragilize, não tenha condições de saber como reagir ou que mecanismos acionar. Isso se agrava quando o que temos diante de nós são notícias. Não se pode deixar de levar em conta o modo como as redes sociais passam a concorrer com o jornalismo, como centros de produção e divulgação de notícias, no contexto da emergência de novos gêneros e sofisticados recursos de edição de textos e imagens, em processos de hibridização.

Consideremos inicialmente o plano das práticas. Fontanille as define como “cursos de ação, que são principalmente definidas pelo tema da ação em curso e pelos diferentes papéis que o tema exige para que a ação aconteça” (Fontanille, 2013, p. 135). O autor fornece como exemplo a conversação, compreendida como uma prática que demanda ao menos dois interlocutores e uma troca de enunciados

verbais que envolve uma gestualidade relativa aos corpos em interação, regulada por aspectos de ordem sociopragmática, psicossociais e etnológicas. Outro exemplo compreende a leitura de jornais, que tem como tema a apreensão de informações sobre a atualidade. Seguindo um nível superior, as práticas se combinam, sendo ordenadas e agenciadas para a constituição das estratégias. Nessa direção, consideremos que o uso de novos suportes para notícias advindos da Internet fizeram emergir novas práticas de leitura, a demandar novas estratégias para sua produção e divulgação. Como exemplo, vemos o apelo mais intenso às imagens, a redução do tamanho dos textos, a organização dos conteúdos em *hiperlinks*, o apelo a usos mais simples e diretos da linguagem verbal, mediante a celeridade que os suportes propõem ao leitor. Inundados por uma rede de apelos textuais, podemos apenas passar os olhos, isto é, fazer uma leitura superficial desses textos como o faz um leitor de jornal impresso ao folhear as páginas e cadernos. A diferença é que, agora, as fontes se multiplicam e a celeridade se intensifica na procura e, mesmo, na leitura, por mais que ler possa representar uma desaceleração no contínuo dos textos e de outras práticas do cotidiano.

Para autores como Beaudoin (2002) e Rojo (2013), a Internet atua para conferir um outro *status* ao leitor, que passa a operar simultaneamente como autor, migrando das margens das anotações da folha impressa para intervir no próprio texto, como se dá com os comentários adicionados às publicações (ainda às margens), mas também inseridos no interior do texto mesmo, em processo de recriação mediante mecanismos de edição ou, ainda, advindos de práticas de escritura como a dos *fanfics* e *memes* (já no centro).

Os comentários dos leitores, suas apreciações críticas, sugestões, encontram na internet um lugar de visibilidade inédita. O brilho "ordinário", aquele que se restringia ao espaço privado e na maioria das vezes no campo da oralidade, sem memória, encontra novos espaços onde se inscreve (livros de visitas de sites, mensagens em fóruns, *WebLogs*...). Assim, todo leitor pode se tornar autor, ou, pelo menos, comentador: ele escreve no texto de um outro. A prática do comentário no texto não é específica da Internet, já que muitas cópias de livros são anotadas por seus leitores. É a possibilidade de tornar públicos esses comentários e o fato de que sejam acessíveis fora da esfera privada que constitui a novidade da mídia. A leitura produto da escrita, ela mesma aberta a outras leituras: produção e recepção estão intimamente articuladas. (Beaudouin, 2002, p. 208, tradução nossa<sup>1</sup>)

Essas novas práticas acabam ainda por alargar a noção de autoria ou mesmo de a obscurecer. No ato de compartilhamento de publicações em redes sociais, por exemplo, nem sempre se deixam os rastros que tornam capazes a identificação do enunciador e, no que diz respeito ao âmbito das notícias falsas, a enunciação pode operar do mesmo modo que o boato, obrigando o sujeito atento a se indagar: Quem disse? Onde isso foi publicado? Qual é a fonte? O problema, contudo, é quando a

---

<sup>1</sup> Texto original: "Les commentaires des lecteurs, leurs appréciations critiques, suggestions, trouvent sur internet un lieu de visibilité inédit. La glose « ordinaire », celle qui restait dans l'espace privé et le plus souvent dans le domaine de l'oralité, sans mémoire, trouve de nouveaux espaces où s'inscrire (livres d'or des sites, messages dans les forums, *WebLogs*...). Ainsi, tout lecteur peut devenir auteur, ou du moins commentateur : il écrit dans le texte d'un autre. La pratique du commentaire dans le texte n'est pas spécifique à internet, puisque bien des exemplaires de livres sont annotés par leurs lecteurs. C'est la possibilité de rendre publics ces commentaires, et le fait qu'ils soient accessibles en dehors de la sphère privée qui constitue la nouveauté du média. La lecture produit de l'écriture, elle-même offerte à d'autres lectures : production et réception se trouvent étroitement articulées."

verdade não parece despertar interesse, na relativização que caminha em direção ao cinismo ou má fé.

É certo que já existiam, no jornalismo impresso, seções dedicadas a cartas dos leitores, que, no entanto, passavam pelo crivo do editor quanto à seleção, recorte de abordagens, censura, seguindo o processo da triagem. Com o jornalismo *online*, essa prática de comentário se intensificou, vindo a se tornar estratégica para o sucesso de determinadas publicações. Vídeos no *Youtube* que explicitem teor político podem, quase imediatamente após publicação, arregimentar milhares de internautas para sua consagração ou destruição, o mesmo se dando em relação à sanção do narratário (positiva ou negativa) a comentaristas políticos em suas páginas de jornal. Como o sucesso passa a ser medido por *likes/deslikes*, comentários e compartilhamentos, mobilizam-se até mesmo programas de computador que simulam a enunciação de internautas, sendo, em muitos casos, difícil perceber distinções apenas levando em conta a análise da qualidade do texto enunciado.

O acirramento do embate político no Brasil contribuiu para interações conflituosas nas ruas e nas redes sociais, muitas vezes reduzidas ao emprego de palavras de ordem por representantes de um e outro posicionamento. Assim, além dos gestos elementares de curtir/não curtir, reproduzem-se nos comentários em redes sociais frases como “Faz (sic) arminha que passa”, “Mimimi (sic)”, “Chora que dói menos” etc., ficando difícil caracterizar as falas desse tipo de enunciado programado como atualizadas por um sujeito humano ou um robô. A qualidade das interações se fragiliza e, pelos efeitos da opção pela programação, deterioram-se, embora a identificação de postagens mais à direita ou mais à esquerda, politicamente, possa se converter em estratégia para a definição de medidas e índices de aceitação dos discursos e práticas do governo ou da oposição.

Redes como o *Facebook*, em grande parte, servem de veículo para divulgação das notícias dos jornais tradicionais (impresso, *online*, televisivo). Para o bem e para o mal, multiplicam-se outras fontes advindas de portais diversos que reiteram, mas também acrescentam, divergem e se contrapõem aos veículos que antes gozavam do privilégio da enunciação jornalística. Em função disso, novas estratégias se definem para os jornais e sites de notícia, inclusive, mais recentemente, com um trabalho de curadoria para verificar a verdade ou falsidade de mensagens veiculadas na rede.

Como se multiplicam as notícias falsas num mar de desinformação, a expressão é *fake* começa a ser empregada pelos internautas que enunciam apressados e fascinados por contratos de veridicção assumidos por eles, nem sempre baseados em uma crença compartilhada. Tudo passa a ser visto e lido com desconfiança e esse julgamento não se dá propriamente pela análise do texto, mas muitas vezes em função das filiações ideológicas do sujeito que não compactua com o que é enunciado. Para isso, em grande parte concorre a própria mídia televisiva e jornalística, na medida em que toma partido, assumindo sem reserva sua propensão ideológica, pesando sua mão na balança, cedendo espaço maior a determinados atores sociais e ignorando outros, redefinindo os padrões do que se considerava jornalismo. Podemos pensar que, nesse sentido, é de lá que partiu a ruptura do contrato que regulava os regimes de crença.

Um caso histórico foi o da edição do Jornal Nacional, da TV Globo, na véspera do segundo turno da eleição presidencial de 1989. Narrando o que seriam os principais momentos do último debate televisivo entre os candidatos Lula e Collor, a edição privilegiaria as cenas em que este se mostrava melhor no embate,

derrotando seu opositor. Para muitos, houve uma explícita ruptura com o que se espera da prática jornalística, na medida em que não apenas narra, mas também sanciona, orientando os espectadores quanto a quem deve ganhar.

Mais recentemente, vemos capas de revistas como *Veja* e *Isto É* que, longe do estilo que caracterizava os gêneros jornalísticos, assumem uma expressa opção política, elegendo personagens do cenário nacional para serem figurativizados como vilões ou heróis. Em outubro de 2014, novamente na véspera de uma eleição presidencial, *Veja* antecipou a publicação de um de seus números trazendo matérias que visavam a influenciar eleitores nos últimos minutos da disputa presidencial, de modo a favorecer o candidato Aécio Neves (cf. Figura 1).

**Figura 1:** Capa da edição 2397, de 29 de outubro de 2014, revista *Veja*.



**Fonte:** <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/capa-bomba-da-veja-dilma-e-lula-sabiam-de-tudo/> Acesso em 25 ago. 2019.

Na capa, em fundo negro, estão fotos com imagens parciais de Dilma, presidenta e candidata à reeleição, à esquerda, e Lula, então presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), à direita. Em meio a uma intensa campanha de demonização do partido, a revista sintetiza em um texto, ao centro, a sanção negativa a ambos os políticos, fazendo uso de expressões como “esquema de corrupção”, “tenebrosas transações”, concluindo com o destaque em letras maiores, em vermelho: “Eles sabiam de tudo” (cf. Figura 1). Lula e Dilma são, então, comprometidos com denúncias de corrupção, que deveriam servir para comprovar aos eleitores, assinantes da revista, a inviabilidade da permanência do PT no poder. Podemos observar um exemplo de jornalismo investigativo, necessário a qualquer democracia, mas as sucessivas edições da revista acabam por lhe conferir a identidade de um veículo tendencioso, alinhado aos setores conservadores, que pesa a mão em momentos estratégicos da vida política no país, assumindo, explicitamente, um dos lados da narrativa, o que fere princípios de objetividade e isenção jornalísticas.

Entre os efeitos de sentido, a partir de um fazer interpretativo dos eleitores, imediatamente começaram a circular nas redes sociais dezenas de outras versões



para a capa, ridicularizando a perspectiva da revista, como paródia para o destempero passional assumido na edição, inclusive por parte de grupos independentes de comunicação social (cf. Figura 2 e Figura 3).

**Figura 2:** Capa falsa da Revista *Veja*, 2014.



Fonte: <https://www.conversaafiada.com.br/pig/2014/10/23/terrorismo-as-capas-da-veja/8-capa.jpg>. Acesso em 25 ago. 2019.

**Figura 3:** Capa falsa da Revista *Veja*, 2014.



Fonte: <https://www.conversaafiada.com.br/pig/2014/10/23/terrorismo-as-capas-da-veja/8-capa.jpg>. Acesso em 25 ago. 2019.

De acordo com Orlandi (2012), o autor é o sujeito que responde juridicamente pelo que diz. Nesse sentido, revistas e jornais têm sua autoria identificável, seu ethos reconhecido pelo público leitor, podendo responder juridicamente pela verdade ou mentira que enunciam. Com relação a montagens, como as das capas acima, esse enquadramento se torna mais fluido, diante das características da nova construção enunciativa em que a autoria se perde e cujo sentido é explicitamente paródico, guardado seu histórico em sites como o *Conversa Afiada* ou diluídos no emaranhado de textos que citam, recontam, recortam, reiteram e subvertem o enunciado original. O leitor, desassossegado em seu lugar inicial, desloca-se, enunciando, também, como ator político que renega a monologia do centro.

Essas capas falsas se valem, sobretudo, da ironia, atribuindo aos atores Dilma e Lula outros grandes pecados. O humor é ali facilmente reconhecido como mote para esse gênero de prática. Ocorre, porém, que nem sempre é fácil para o leitor identificar se tratar efetivamente de ironia, na medida em que enunciados que antes pareciam interditados agora ganham espaço, aos moldes do que ocorre com os discursos intolerantes (Barros, 2016), ecoando sem encontrar limites o que outrora não se ousava dizer, sendo da ordem, portanto, do inaudito.

A ironia, conforme Fiorin (2014, p. 69), ocorre quando “se finge dizer uma coisa para dizer exatamente o oposto”, segundo a “atitude do enunciador” (p. 70). Para sua compreensão é necessária “a percepção de uma impertinência predicativa” (Idem, p. 70), o que se faz na análise da extensão do texto. Na literatura, com um trabalho sofisticado com a linguagem, é possível identificar essa

posição enunciativa de sarcasmo, zombaria, desprezo, que evidenciam o fingimento. Nas enunciações mais ordinárias, contudo, nem sempre isso é possível e o que pode ser lido como ironia por uns, vai ser lido como confirmação por outros. Nas redes sociais, muitas vezes, o enunciador se apressa em dizer que está sendo irônico, antevendo possível incompreensão que resulta de um fazer interpretativo vicioso e, por conseguinte, em uma sanção negativa ao que se enuncia. Assim, o fingimento não se explicita no texto, mas pode ser conferido pelo conhecimento prévio de outros enunciados proferidos pelo mesmo sujeito em diferentes situações; pelo *ethos* atribuímos ao enunciador e por sua estratégia de se apressar em apontar possível engano.

Segundo Fontanille (2013), a mídia explora todos dos planos de imanência (signo, texto, objeto, prática, estratégia, forma de vida), adotando “regimes de crença” que condicionam a produção da veridicção textual. Para crer no que se diz, demanda-se levar em consideração um conjunto de elementos complexamente inter-relacionados e que servem para atestar a confiabilidade do dizer. No caso de canais de TV, jornais, revistas, portais de notícia etc., podemos reconhecer o modo como assumem *estilos de enunciação* que traduzem sua identidade e que regulam de antemão nossa maior ou menor adesão ao que apresentam. Esses estilos estratégicos, coerentes e recorrentes, atuam no sentido de influenciar as práticas e manifestações semióticas, definindo verdadeiras “formas de vida” (Fontanille, 2013, p. 136). Temos, portanto: a) uma coerência, dada pela permanência, graças à recorrência de escolhas enunciativas e b) uma congruência – coerência vertical – em função de “valores, estilos, papéis, qualidades sensíveis, regimes temporais e paixões” assumidos por essa forma de vida (p. 137):

A coerência é a propriedade central das formas de vida, mas uma coerência bem particular; de fato, um texto é coerente desde que os mesmos conteúdos de significação sejam retomados em vários lugares do desenvolvimento textual; do mesmo modo, uma prática é coerente se conserva ao longo de seu curso o mesmo objetivo: mas se trata aí da coerência “horizontal”, entre conteúdos de mesma natureza e num mesmo nível de análise. [...] Uma forma de vida obedece, em contrapartida a um princípio de coerência “vertical”, em um duplo sentido: no plano dos níveis da expressão, observa-se igualmente uma coerência no tratamento dos signos, textos, práticas integradas à forma de vida; no plano do nível do conteúdo, observa-se igualmente uma coerência entre os valores, os estilos, os papéis, as qualidades sensíveis, os ritmos, os regimes temporais e as paixões. (Fontanille, 2013, p. 136-137, tradução nossa<sup>2</sup>)

Os meios de comunicação (mídia), portanto, ancoram-se numa certa previsibilidade e constância, conferidas pelas recorrências no plano do conteúdo e da expressão que constroem sua identidade. Dessa maneira, os textos são lidos e

<sup>2</sup> Texto original: “La cohérence est la propriété centrale des formes de vie, mais une cohérence bien particulière ; en effet, un texte est cohérent dès lors que les mêmes contenus de signification sont repris en plusieurs lieux du déploiement textuel ; de même, une pratique est cohérente si elle conserve tout au long de son cours le même objectif : mais il s’agit là de cohérence « horizontale », entre des contenus de même nature et sur un même niveau d’analyse [...] Une forme de vie obéit en revanche à un principe de cohérence « verticale », en un double sens : du côté des niveaux d’expression, on observe également une cohérence entre traitement des signes, des textes, des pratiques intégrés à la forme de vie ; du côté des niveaux du contenu, on observe également une cohérence entre les valeurs, les styles, les rôles, les qualités sensibles, les rythmes, les régimes temporels et les passions.”



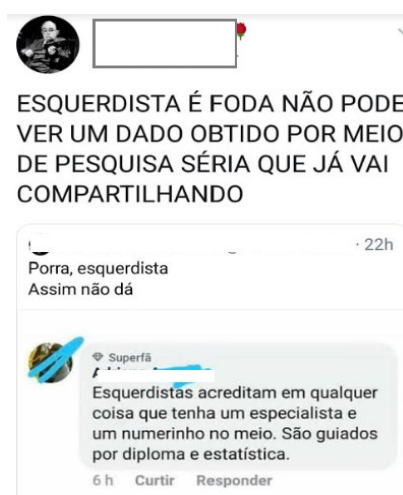
interpretados pelo leitor a partir, também, dessa procedência que os engloba, que os alinha numa certa direção e que atua também para a produção do sentido.

As práticas que envolvem a leitura vão se conformando a novas demandas da sociedade mundializada, o que não significa que o sujeito seja sempre capaz de, mesmo com diferentes estratégias postas em operação, identificar na celeridade das interações midiáticas, a confiabilidade do dizer. Um leitor distraído pode, então, tomar como verdade a ironia das notícias de um site como o Sensacionalista, que afirma de antemão ser um veículo sem compromisso com a verdade. Ali a irreverência e a subversão são recorrentes, assim como o emprego de estratégias comuns às notícias que favorecem a construção do efeito de verdade: ancoragem, emprego de discurso direto, fotos, vídeos etc.

O problema ganha novos contornos quando se instala a desconfiança total, principalmente com relação a instituições que produzem o saber científico. A produção acadêmica é posta sob suspeita, as redes de pesquisa são desqualificadas, os historiadores são figurativizados como tendenciosos, a universidade e a escola têm partido e devem ser tuteladas. Assim, um cantor de música sertaneja pode dizer que no Brasil não houve uma ditadura e encontrar eco; um pretense filósofo consegue amealhar uma multidão de seguidores *terraplanistas*; o presidente pode desmentir dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais<sup>3</sup>) sobre os números do desmatamento no país ou negar a veracidade de fotos de satélite da NASA que denunciavam as queimadas criminosas na Amazônia, em agosto de 2019.

No *print* de uma publicação irônica em uma rede social (cf. Figura 4), vemos a crítica atribuída aos “esquerdistas” por serem “guiados por diploma e estatística”. A prática de usar informações confiáveis é reduzida ao escárnio e os especialistas, os números, as pesquisas não parecem ter valor em mundo de mentiras, boatos, informações tendenciosas, que servem ao obscurecimento da realidade. *Deixar-se guiar* é se submeter a um sistema de valores que não parece mais valer muita coisa em face de propósitos orientados mais pelas paixões do que pela razão, pelo bom senso ou mesmo pela boa fé.

**Figura 4:** Print de comentário em rede social.



**Fonte:** Facebook.

<sup>3</sup> Cf.: <https://exame.abril.com.br/brasil/era-preciso-por-um-marco-claro-de-resistencia-diz-ex-diretor-do-inpe/>. Acesso em 26 ago. 2019.

A verdade, enfim, não é desse *novo mundo*; contudo, a Semiótica se erigiu como uma teoria mais dedicada a ser circunscrita aos limites e limiares da verossimilhança, da análise dos recursos da linguagem que visam à construção da *aparência de verdade* mediante diferentes estratégias enunciativas, mas ela também pode, como teoria que investiga a produção do sentido, propor elementos para a compreensão de ações que regulam o ato interpretativo, tendo em vista abarcar outros níveis de pertinência como objeto de análise. Assim, pode considerar com mais abrangência a narrativa dos sujeitos no mundo dos textos.

## 2 Ler na escola

Educadores que investigam a escolarização da leitura, principalmente a dos textos literários, ressaltam que há um modo de ler na escola que é particular, distinto do modo como o fazemos em outros lugares. Assim, a escolarização, inicialmente pensada em termos disfóricos como uma prática que compromete os sentidos que movem o sujeito do prazer e do gosto, passa a ser compreendida sob um viés mais pragmático como algo inevitável, porque se orienta por diferentes objetivos que visam à formação do leitor e se institui por outros procedimentos que regulam os interesses pelo texto (Soares, 2011). A questão que emerge é, pois, a de considerar a boa ou a má escolarização da leitura.

Inseridos nas dinâmicas da celeridade, movimentamo-nos entre textos que não cessam de buscar nossa atenção e é certo que não os lemos todos do mesmo modo. Podemos nos encantar com um dado poema, o que nos fará o reler muitas vezes ao longo da vida, até que o saibamos de cor. O mesmo fazemos com romances, que, retomados mais adiante, podem nos trazer sentidos antes não produzidos, restaurando ainda prazeres antigos. Por sua vez, as notícias, cada vez mais curtas, que chegam pela mídia e redes sociais não são certamente lidas como o faria um semioticista, um atento analista do discurso a mobilizar suas ferramentas teóricas, ou um leitor literário que se deixa seduzir pela dimensão estética da linguagem, tendo, todos estes, ferramentas de análise vigorosas para interpretar tanto o plano da expressão quanto o do conteúdo, podendo os analisar, inclusive, separadamente, por pressuposto metodológico, já que se encontram imbricados, sendo indissociáveis, conforme os estudos mais basais da Linguística moderna, a partir de Saussure [1916] e, posteriormente, Hjelmslev [1943].

Ler na escola, entre outros aspectos, inclui a desaceleração, a releitura, a atenção a detalhes e astúcias enunciativas, a reflexão sobre a operação de seleção de isotopias realizada no gesto interpretativo, a confirmação ou a recusa a certas orientações de sentido, a partilha e a negociação em face de outros leitores que participam da mesma tarefa, porque os objetos de conhecimento são o texto e a apreensão dos mecanismos que fazem com que haja produção de sentido. As aulas de leitura são, antes de qualquer coisa, aulas em que se ensina a ler, considerando que cada gênero impõe ao leitor uma disposição diferente. São elas que vão mobilizar saberes sobre outros textos, convocados pela intertextualidade, sobre a temática evocada, sobre os autores, sobre as condições de produção, sobre a articulação entre linguagens pelos procedimentos de sincretismo etc.

Nesse contexto, as *fake news*, como dito, são mencionadas na BNCC como objetos de interesse da disciplina de Língua Portuguesa tanto no documento do ensino fundamental (Brasil, 2017), quanto no que reporta ao ensino médio (Brasil, 2018). Em ambos, sua menção se faz no âmbito de um dos campos de atuação

social, o *jornalístico midiático*, tendo como foco o estudo de “estratégias linguístico-discursivas e semióticas voltadas para a argumentação e persuasão” (Brasil, 2017, p. 134). Enquanto inicialmente a centralidade se acha relacionada à apreensão dos mecanismos intratextuais, logo adiante o documento acentua a dimensão das práticas que envolvem sua produção e reprodução, bem como aquelas que remetem a estratégias de veridicção que transcendem a dimensão estritamente textual:

Para além dos gêneros, são consideradas práticas contemporâneas de curtir, comentar, redistribuir, publicar notícias, curar etc. e tematizadas questões polêmicas envolvendo as dinâmicas das redes sociais e os interesses que movem a esfera jornalística-midiática. A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de *fake news*, da manipulação de fatos e opiniões têm destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de *sites* e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria. (Brasil, 2017, p. 134)

A atividade de ler e produzir sentidos se acha, pois, complexificada em função de novas práticas de produção e circulação de textos nas mídias contemporâneas, a demandar do sujeito leitor mais do que a capacidade de identificar na unidade do texto elementos que tornem possível estabelecer a distinção entre verdade e mentira, ilusão e falsidade. A isso se somam as práticas que nos remetem simultaneamente, no eixo da recepção, a uma “ética da leitura” (Landowski, 2001) e, no eixo da produção, a uma ética da enunciação. Compreendemos que ações de compartilhar e curtir notícias falsas concorrem para conferir ao sujeito, ao menos, o *status* de um *coenunciador*, inclusive com as implicações de natureza jurídica que isso acarreta em alguns casos.

No documento do ensino médio, tal discussão é apresentada. Há três menções sobre o tema, duas delas relativas às habilidades EM13LP38 e EM13LP39<sup>4</sup>, que transcrevemos abaixo:

(EM13LP38)

Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/ avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e *sites* checadores etc.), de forma a combater a proliferação de notícias falsas (*fake news*). (Brasil, 2018, p. 511)

(EM13LP39)

Analisar o fenômeno da pós-verdade – discutindo as condições e os mecanismos de disseminação de *fake news* e também exemplos, causas e consequências desse fenômeno e da prevalência de crenças e opiniões sobre fatos –, de forma a adotar atitude crítica em relação ao fenômeno e desenvolver uma postura flexível que permita rever crenças e opiniões quando fatos apurados as contradisserem. (Brasil, 2018, p. 511)

---

<sup>4</sup> As habilidades são definidas a partir de um código alfanumérico. EM indica se tratar de Ensino Médio; 13 indica que podem ser abordadas em todas as séries (1<sup>a</sup> a 3<sup>a</sup>); LP é referente à disciplina Língua Portuguesa; 38 e 39 aludem às competências específicas às quais se relaciona a habilidade.

Como se pode ver pelos verbos mobilizados na BNCC, são definidas diferentes práticas para a verificação da confiabilidade de fatos e imagens. Na Base, os conteúdos são organizados a partir de práticas de linguagem inseridas num campo específico de experiência, no caso em questão, o jornalístico-midiático. Esse conjunto de práticas assim organizadas vai remeter ao nível das estratégias de verificação operacionalizadas pelo leitor de notícias e, no contexto escolar, dizem respeito, ainda, ao tema da apreensão/produção de saberes relativas às práticas do universo didático do ensinar e do aprender. Como lugar de aprender sobre o modo de funcionamento da linguagem, a BNCC preconiza um leitor crítico, que compreende a dimensão social do fenômeno denominado como *pós-verdade*. A criticidade e a flexibilidade pretendidas pressupõem movimentos que seguem na contramão das práticas robotizadas do leitor programado, predisposto a confirmar/rejeitar, mesmo sem ler, a reverberar conteúdos sem refletir sobre as consequências dessa amplificação e sem rever pontos de vista.

A atenção conferida às fotos que analisamos neste trabalho implica o alargamento da compreensão do texto, incorporando gêneros multimodais no contexto das práticas de produção e recepção, de maneira que a ilusão de verdade, antes garantida por sua mera presença na configuração das notícias, seja identificada criticamente. Espera-se que tal prática seja um hábito entre enunciatórios previstos pela BNCC. Nesse sentido, a leitura passa a exigir saberes mais sofisticados sobre as linguagens verbal e visual, ao que se soma um conjunto de práticas não necessariamente demandadas antes aos leitores, que passavam, sem maiores sobressaltos, os olhos sobre as páginas do jornal impresso. A atenção às estratégias textuais faz desse enunciatório um potencial interlocutor modalizado, capaz de reconhecer o comprometimento de sentidos na enunciação tendenciosa, o caráter persuasivo não apenas do texto tradicional, mas também o iconográfico, o modo como texto e imagem se tornam um objeto sincrético, formando uma relação de reiteração ou contraponto que indica uma direção de interpretação de sentidos, em que se faz uso de precisão ou imprecisão dos dados, adequação de linguagem e retórica etc. Mostramos, assim, que além do que se ensinava em aulas de leitura, há um acréscimo de outras perspectivas e dimensões a ser incorporado, como um desafio à construção de um novo estatuto de leitores.

Diante da multiplicação de notícias falsas, as práticas de leitura compreendidas pelas duas habilidades — presentes na BNCC e transcritas acima — incidem principalmente sobre elementos marginais ao texto (veículo, fonte, data, local de publicação etc.) e o recurso de busca em sites com o intuito de verificação, que atuam como curadores, incumbidos de atestar a fidedignidade do que se propaga nas mídias. Apenas a formatação se relaciona mais diretamente ao texto em si, relativa ao plano da expressão. A esse respeito, um artigo da revista Nova Escola, que tematiza as *fake news*, chama a atenção para a “formatação estranha” de sites pouco confiáveis, com excesso de propagandas, aberturas de muitas janelas de navegação, má qualidade no trato do visual (Salas, 2018).

O leitor que a escola precisa formar é, assim, um sujeito mais crítico, mais perspicaz e, sobretudo, ético.

## Considerações finais

As mídias desempenham um papel estratégico no contexto da democracia e da pluralidade, contribuindo para sua afirmação ou derrocada. No contexto da *pós-*

*verdade*, parecem contribuir para a indiferença quanto à verdade e uma cínica relativização dos fatos, o que põe em risco a continuidade do sistema democrático. Substitui-se a busca da transparência pela aceitação fácil do engodo, com a eleição de inimigos para justificar sanções persecutórias, o silenciamento e a judicialização do discurso de oposição.

Como alerta Medeiros (2017) ao analisar as eleições no Brasil e nos EUA como efeitos da *pós-verdade*, o processo de impeachment de Dilma Rousseff foi “recheado de verdades alternativas”: “as promessas de um futuro radiante, sobretudo na economia, alardeados pelos anti-dilmistas, foram endossados com baixo grau de questionamento por parte da mídia brasileira” (Medeiros, 2017, p. 24). Para Medeiros, Dilma não reagiu o suficiente na disputa entre narrativas, como o faz Trump: “Se a então presidente brasileira jamais colocou o dedo em riste em direção à imprensa, postura oposta tem sido adotada pelo atual presidente americano” (Medeiros, 2017, p. 24). Nas redes, Trump segue desqualificando a imprensa como mentirosa, privilegiando as redes sociais para ecoar suas próprias verdades. Tem como imitador o atual presidente brasileiro.

Enquanto escrevo este artigo, leio o embate travado entre Bolsonaro e a imprensa brasileira, conforme vemos nos fragmentos respectivamente correspondentes a publicações de *O Estado de São Paulo* e do site *UOL*:

O presidente afirmou ainda que “a imprensa” está acabando como acabou a profissão de datilógrafo. “Já estamos ajudando assim a não ter desmatamento, porque papel vem de árvore. Estamos em uma nova era. Assim como acabou no passado o datilógrafo, a imprensa está acabando também. Não é só por questão de poder aquisitivo do povo que não está bom. É porque não se acha verdade ali. (Lindner, 2019, s/p)

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) ameaçou ontem não dar mais entrevistas à imprensa caso um tema comentado por ele não fosse tema de reportagens “no dia seguinte”. A suposta notícia sugerida pelo presidente, porém, não é verdadeira. Bolsonaro mencionou de forma distorcida informações publicadas há quase dois anos pelo site *The Intercept Brasil*. (Bolsonaro, 2019, s/p, grifo nosso)

Diante do caos da desinformação, o jornalismo neste momento se apresenta como um necessário reduto da resistência (Medeiros, 2017; Zarzalejos, 2017; Genesini, 2018). Embora nunca tivéssemos confiado na *verdade* e nos conformássemos com a análise do que opera a construção da verossimilhança, como semioticistas e como leitores observávamos a confirmação de um pacto elementar, como se estivesse em cena um certo espaço de negociação que abrigava a aceitação de diferentes pontos de vista, enquanto se desprezava, sobretudo, valores que remetiam ao engodo desenfreado, mais ardiloso e proposital.

Outro reduto é a escola, porque é nela que se produzem saberes para a compreensão do nosso tempo e das benesses e ardis da linguagem. A BNCC traz como primeira competência geral para a educação básica “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2018, p. 9). Na distopia que vivemos, os conhecimentos históricos são postos em xeque, os saberes fundados na ciência e na pesquisa perdem a vez, em face de enunciações passionais intolerantes. A escola precisa resistir e reorganizar suas práticas de ler os textos e o mundo. Como semioticistas, diante desse quadro, não é excessivo refletir sobre as

nossas práticas – sabendo quais elas são – e sobre o que definimos como estratégias.

## Referências

- BEAUDOIN, Valérie. De la publication à la conversation: lecture et écriture électroniques. *Réseaux*, n. 116, 2002. p. 199-225.
- BOLSONARO ameaça cortar entrevistas se mídia não publicar dado distorcido. *UOL*, 25 ago. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/25/bolsonaro-condiciona-entrevistas-a-publicacao-de-suposta-denuncia.htm> . Acesso em 27 ago. 2019.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 58, v. 1, 2016. p. 7-24.
- BRASIL. *Base nacional comum curricular: educação infantil e ensino fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. *Base nacional comum curricular: ensino médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FONTANILLE, Jacques. Médias, régimes de croyance et formes de vie. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia (org.). *As interações sensíveis: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*. São Paulo: Estação das Letras, 2013. p. 131-156.
- GENESINI, Sílvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. *Revista USP*, n. 116. São Paulo, 2018. p. 45-58.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Trad. Ana Cláudia Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Pour une sémiotique didactique. *Le Bulletin*. Groupe de Recherches Sémio-Linguistiques (EHESS). Institut de la Langue Française (CNRS), n. 7, 1979. p. 3-8.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1943].
- LANDOWSKI, Eric. Regimes de sentido e formas de educação. *EntreLetras*, v. 7, n. 2. Araguaína, 2016. p. 8-14.
- LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. *Galáxia*, n. 2. São Paulo, 2001. p. 19-56.
- LINDNER, Julia. Bolsonaro ataca a imprensa e diz que jornal ‘vai fechar’. *O Estado de São Paulo*, 22 ago. 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-ataca-a-imprensa-e-diz-que-jornal-vai-fechar,70002978111> . Acesso em 29 ago. 2019.
- MEDEIROS, Armando. Os perigos da indiferença à verdade. *Revista Uno*, n. 27, 2017. p. 23-25.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP, 2012.
- ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Escol@ conectada: os letramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 13-36.
- SALAS, Paula. Cuidado com a fábrica de mentiras. *Nova Escola*, n. 312. 02 mai. 2018.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006. [Cours de linguistique générale. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].



- SOARES, Magda Becker. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Helena Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). *Escolarização da leitura literária*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ZARZALEJOS, José Antonio. Comunicação, jornalismo e ‘fact-checking’. *Revista Uno*, n. 27, 2017. p. 11-13.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011 [2006].

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

SILVA, Luiza Helena Oliveira da  
Interactions, readings and meanings during fake news era:  
challenges for a reader's school education  
*Estudos Semióticos*, thematic issue  
"Contributions of semiotics and other theories  
of text and discourse to teaching"  
vol. 15, n. 2 (2019)  
issn 1980-4016

---

**Abstract:** *The paper discusses the production and the consumption of fake news, intensified by the contemporary role of the use of social network, which, on one hand, broaden the sources of information and, on other hand, compromises the reliability of what is said to be a fact. From this point, it presents reflections about implications in the field of reader's education at school context. In post-truth era, school faces the teaching of new reading practices, which include the formation of critical readers, who are capable of reading the text and its surroundings. In this sense, Discursive Semiotics is mobilized as a theory that has much to offer to didactic practices, considering the enlargement of the analysis horizon's pertinence levels that contributes to the understanding of the processes involved.*

**Keywords:** *fake news; readers' formation; BNCC; discursive semiotics.*

---

### Como citar este artigo

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Interações, leituras e sentidos em tempos de *fake news*: desafios para a formação de leitores no contexto escolar. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático "Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino". Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. 31-45. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) . Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento: 31/07/2019

Data de aprovação: 28/08/2019

---